

THAT THE WORLD MAY KNOW



Ministério
Adventista

Março-Abril de 1971



Órgão publicado bimestralmente pela
Associação Ministerial da Igreja Adventista do
Sétimo Dia

Editado pela
Casa Publicadora Brasileira
Santo André, São Paulo

Diretor — Rubén Pereyra
Gerente — Bernardo E. Schuenemann
Redator responsável — Carlos A. Trezza

Colaboradores especiais:
R. A. Wilcox e Enoque de Oliveira

Assinatura Anual US \$ 3,00
Número Avulso US \$ 0,50

2015

Ano 37	Março-Abril	N.º 2
--------	-------------	-------

NESTE NÚMERO

GRANDE REUNIAO DE ATLANTIC CITY	2
EDITORIAL	3
PREPARAR UM POVO	
N. R. Dower	4
ESPIRITUALIZAÇÃO DO LAR	
M. C. Tokelsen	9
CONHECEMOS O ESPÍRITO SANTO?	
R. Allan Anderson	12
A IGREJA ESPIRITUALIZADA	
C. E. Moseley	16
RESPONDENDO A OBJEÇÕES	20
PERGUNTAS SOBRE DOCTRINA	
O JUÍZO INVESTIGATIVO	22
PÁGINA 2	

Grande Reunião de Atlantic City

Quando este número de O MINISTÉRIO ADVENTISTA chegar a seus leitores, terão passado já muitos meses desde a realização da magna reunião de Atlantic City. Mas os frutos permanecem. Milhares de obreiros de todo o mundo encheram o Ballroom para seguir passo a passo o Concílio Ministerial, que nesta ocasião teve maior assistência que todos os realizados anteriormente.

Destacados pregadores ocuparam o púlpito para apresentar mensagens vibrantes com relação à obra de “preparar um povo” para a Vinda de Jesus. Neste número transcrevemos quatro das mais sobressalentes mensagens, acérca da função que o Espírito Santo terá na culminação da obra para este tempo. Oxalá sua leitura e a meditação sobre seu conteúdo, produza em todos uma convicção mais profunda do imenso privilégio que encerra o fato de pertencer ao povo que hoje prega a última mensagem de misericórdia!

NOSSA CAPA

Longo tempo transcorrido desde a última reunião das quadrienais, as imagens do que foi o grande acontecimento ainda falam por si.



EDITORIAL

Reavivamento?

AS expressões "Reavivamento" e "Reforma" chegaram a ser muito familiares para nós como Adventistas. Falamos muito da necessidade de que isto seja uma realidade em nossas fileiras. Pregamos, oramos por isso porque temos consciência de que é nossa maior necessidade a fim de terminar a obra.

Entre os católicos se popularizou muito a partir de João XXIII uma expressão que para eles teria a mesma importância que o reavivamento tem para nós: Aggiornamento. Aggiornamento significaria uma reforma, equivaleria a abandonar os moldes medievais que ainda a igreja conservava e torná-la mais dinâmica, moderna, adaptada às necessidades do século XX, apreendendo soluções adequadas e não anacrônicas. Como fruto do Concílio Vaticano vieram as reformas na liturgia, na vestimenta sacerdotal e em tudo quanto podia ser removido. Finalmente o aggiornamento levou os clérigos a uma preocupação inusitada quanto à justiça social, transformando muitos deles em líderes políticos e abrindo as portas a inúmeras dificuldades que sacudiram a estrutura da igreja até aos alicerces.

Onde esteve a chave dessa mudança que a hierarquia maior hoje lamenta? Sem dúvida na falta de compreensão do que a igreja realmente necessitava. A atualização não implicava precisamente a contemporização com os males reinantes, nem a adoção dos métodos que em círculos alheios à religião estavam em voga então a fim de levar adiante a tarefa que pensavam que deviam cumprir. Antes, significava revigotar a mensagem a ser pregada, devolvendo-lhe o frescor original que teve nos primeiros descênios de sua pregação. Era tirar-lhe todo o lastro que tinha acumulado com o correr dos séculos.

Nós clamamos também por uma renovação, nosso aggiornamento. Este, entretanto, deve ser diferente. Procuramos voltar ao "evangelho eterno" com toda a sua pureza. Acreditamos que o homem do século XX e seus problemas, é o mesmo do I século e que a solução é idêntica. Variou a forma, mas no fundo as causas são

as mesmas. Por isso clamamos por um novo Pentecostes, um novo Aposento Alto. Isso dará à igreja o poder que se extinguiu com o correr dos séculos.

Mas, temos uma idéia clara do que procuramos? Saberemos claramente o que é um reavivamento, o que o produzirá e quais serão seus frutos? Não haverá o perigo de confundir um reavivamento com uma emotividade superficial e passageira? E ao não consegui-lo por esse caminho, não haverá o perigo de buscar outros métodos que nos separem de nossa missão, como o aggiornamento separou da sua a muitos dos quais o procuravam sem entendê-lo?

Analisemos alguns fatos de interesse. Primeiro, o reavivamento não é sinônimo de espírito de oração SÔMENTE. Uma ilustração: visitávamos há algumas semanas uma cidade sul-americana, na qual nossa igreja é vizinha de outra cuja característica principal é o fervor de seus membros, os quais passam três e até quatro noites seguidas em vigílias consistentes em cânticos, orações e testemunhos. Nosso pastor, assinalando-nos aquela igreja nos disse: "Admiro essa gente. Tem um fervor impressionante, não os amedronta nem o frio nem o sono em suas longas noites de vigília. Homens, mulheres e crianças amanhecem cantando e orando."

No dia seguinte nos encontramos com um senhor que nos disse: "Sou um fervente admirador de sua igreja, pela qualidade de membros que a formam. São gente excepcional, um verdadeiro exemplo para a comunidade. Não gosto de seus vizinhos pois passam em constantes brigas e suas divisões são um verdadeiro escândalo aqui..."

Como harmonizar ambas declarações? É simples. Quando João Batista falava a Herodes de seu pecado, este "escutava-o de boa mente" e "fazia muitas coisas" (Marcos 6:20), mas não o que devia, quer dizer, não deixava de fazer o que era mau. Os fariseus "faziam longas orações" (Mat. 23:14) mas Jesus disse que estas eram somente para ocultar pecados. Suas orações não chegavam a Deus, pois eram algo

(Continua na pág. 18)

ECOS da Grande Reunião



PREPARAR
UM POVO

de Atlantic City!

N. R. DOWER

Secretário do Depto. Ministerial da Associação Geral

QUAL é o objetivo final de nossa missão como igreja? Qual o final objetivo de nosso ministério como modernos apóstolos de Jesus Cristo? É terminar a obra? Mudar o mundo? Demonstrar paz ou forçar reformas sociais e igualdade racial? Seria pregar com poder a tríplice mensagem angélica ou encher a igreja ou ainda preparar os 144.000? Seria nosso alvo final inundar o mundo com nossa bela literatura ou alimentar e manter os melhores e mais modernos programas de educação cristã no mundo. É prover as melhores e mais modernas instituições médicas dirigidas por homens e mulheres consagrados, com o propósito de tornar os homens mais saudáveis? Ou seria conseguir uma boa imagem pública mediante a prática do bem — alimentar os pobres, vestir os nus, confortar os tristes e libertar os cativos de seus hábitos escravizantes . . . ?

Tudo isto é muito bom e importante. Nem por um momento eu subestimaria o valor da prática de tôdas essas coisas por parte da igreja no cumprimento de sua missão. Mas nenhum desses itens individualmente, ou todos eles reunidos, constitui o objetivo final da obra da igreja no mundo hoje. Este alvo é exposto clara, objetiva e inofismavelmente, nas palavras do anjo Gabriel ao esboçar a missão de João Batista:

"E irá adiante dêle no Espírito e virtude de Elias, para converter os corações dos pais aos filhos, e os rebeldes à prudência dos justos, com o fim de preparar ao Senhor um povo bem disposto." S. Lucas 1:17.

Esta é nossa missão sempre vital como igreja e como ministros de Jesus Cristo. Isto envolve muito mais do que simplesmente converter pessoas. Significa mais do que apenas crer na Bíblia ou aceitar a verdade. Transcende à simples compreensão das profecias. Envolve mais do que ser membro da igreja. Significa mais do que ser pôsto numa posição de destaque na igreja ou fazer uma boa profecia de fé. É mais do que a aceitação de igualitarismo, mais do que boas obras, mais até do que grandes obras.

Nós podemos reunir tôdas as qualificações necessárias para conseguir tôdas essas coisas.

Podemos encher nossas igrejas com pessoas sábias e influentes. Podemos cativar a imaginação da juventude de hoje e realizar muitos milagres em nome de Cristo, e ainda assim não estarmos prontos nós mesmos e nem ter um povo preparado para o Senhor.

Estar pronto, preparado para o Senhor, requer antes de mais nada sincera e completa confissão dos pecados e profundo senso de arrependimento. Em seguida é preciso que haja abandono do pecado, deliberado afastamento dêle e total rompimento de relações com êle. Em terceiro lugar requer vitória sôbre o pecado. Em quarto, a morte do pecado.

É nossa sagrada missão e grande privilégio nós mesmos o experimentarmos antes, e então, pela graça de Deus, conduzir a outros, jovens e velhos, e milhões ainda no mundo, a experimentar-lo também. Isto significa revestir-se do Senhor Jesus Cristo. Significa estarmos transformados a ponto de refletir a imagem de Jesus da maneira mais plena. Significa preparar um povo plenamente condicionado, absolutamente salvo, para ser levado para o Céu. Nada menos do que isto é satisfatoriamente bom. Nada mais é requerido senão isto.

Esta espécie de ministério — possuído desta espécie de missão — requer:

1. *Um novo arrependimento.* A mensagem de João Batista foi: "Arrependei-vos, porque é chegado o reino do Céu." Este é o primeiro dever dos ministros, e precisamos, portanto, dar frutos de arrependimento. Precisamos, como o apóstolo Pedro, fazer soar claramente o que êle esboça em II S. Pedro 3:9. O apóstolo Paulo acrescenta outra dimensão a isto quando declara que precisamos de "arrependimento para com Deus, e fé em nosso Senhor Jesus Cristo." Ambas estas coisas são requeridas.

Tem de haver genuíno senso de arrependimento pelo descuido com que às vêzes tratamos nosso trabalho e a indiferença com que o realizamos. Precisamos arrepender-nos de nosso materialismo e secularismo, nossa falta de preocupação e determinação, nossa mornidão e satisfação própria, nossa falha em pregar a Palavra e em dar o devido exemplo em tôdas as coisas. Precisamos arrepender-nos de nosso

liberalismo e frouxidão. Tem de haver arrependimento por nosso pernicioso apêgo à mediocridade e nosso insaciável apetite por reconhecimento e crédito. Temos de arrependermos de nosso culto de posições e ostentação, e por nosso orgulho, egoísmo e preconceitos. Precisamos arrependermos por nossa falta de amor por Jesus Cristo e pelas almas por quem Ele morreu.

2. *Uma nova moralidade.* Nossa missão reclama uma nova moralidade, mas não no sentido em que o mundo usa o termo, mas uma estranha moralidade em que a genuína honestidade, a pureza e a fidelidade se tornem um processo de vida. Temos de ser absolutamente honestos com nós mesmos, com os homens e com Deus, como também com o govêrno — honestos de tôda maneira, em tudo e com todos. Precisamos ser *puros*, moralmente puros, em pensamento e ação. No Salmo vinte e quatro, versos 3 e 4, levanta-se a pergunta: “Quem subirá ao Monte do Senhor, ou quem estará no Seu lugar santo?” E então a resposta: “Aquê-le que é limpo de mãos e puro de coração.” Isto envolve pureza de pensamento, de palavras, de ações, pureza de motivos, de relacionamento com homens e mulheres. Nossa definição de amor não deve ser segundo a refinação vulgar.

Temos de ser notados por nossa fidelidade. “Em sua bôca não, se achou engano,” diz o texto de Apocalipse, “porque são irrepreensíveis diante do trono de Deus.” Isto significa ausência de falsidade, de malícia, de enganoso propósito. A grande necessidade do mundo hoje é de homens que “no íntimo de sua alma sejam verdadeiros e honestos.” No que nos diz respeito, caros companheiros de trabalho, isto significa absoluta fidelidade na pregação da Palavra de Deus e em nosso trato com as coisas sagradas.

3. *Nova Reforma,* é também o que esta espécie de ministério reclama. Esta é uma das grandes necessidades de nossa igreja hoje, e é nossa necessidade também. Ninguém pode ler com seriedade II Crôn. 7:14 sem chegar a esta importante conclusão:

“Precisa haver um reavivamento e uma reforma, sob a ministração do Espírito Santo. Reavivamento e reforma são duas coisas diversas. Reavivamento significa renascimento da vida espiritual, um avivamento das faculdades da mente e do coração, uma ressurreição da morte espiritual. Reforma significa uma reorganização, uma mudança nas idéias e teorias, hábitos e práticas.” — *Mensagens Escolhidas*, Vol. 1, pág. 128.

4. *Nova Inspiração.* Isto também é o que

esta espécie de ministério reclama. O que precisamos é retornar ao nosso primeiro amor, nossa primeira devoção e ao zêlo do passado. “Torna a dar-me a alegria da Tua salvação.” Salmo 51:12.

A inspiração de Isaías veio da sua visão de Cristo, e isto mudou completamente sua vida. Isto é igualmente verdade a respeito de Moisés, de quem está escrito: “Ficou firme como quem vê o invisível.” Heb. 11:27. Isto foi a inspiração de Paulo também. Notai como êle testifica perante Agripa: “Pelo que, ó rei Agripa, não fui desobediente à visão celestial.” Atos 26:19. A isto a serva do Senhor acrescenta: “Se mantivermos o Senhor sempre perante nós, permitindo que nosso coração se expanda em agradecimentos e louvor a Ele, teremos contínuo suprimento de refrigério em nossa vida religiosa.” — *Parábolas de Jesus*, pág. 129. Esta é a inspiração que cada ministro necessita ao procurar completar a tarefa que lhe foi designada pelo Senhor.

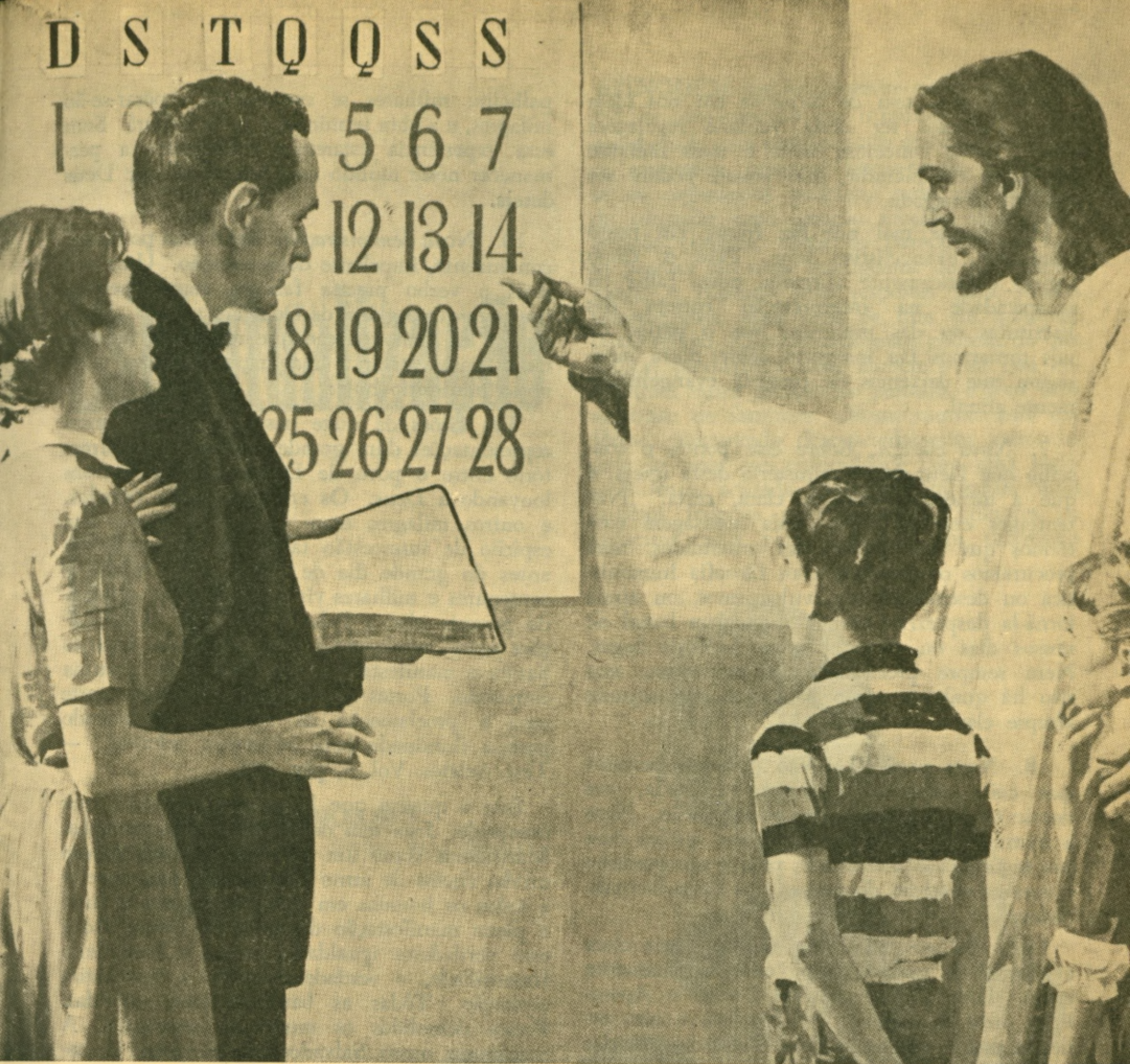
5. *Nova convicção.* Isto precisa ser manifestado em nosso ministério de diferentes maneiras e em muita coisa. Esta é a igreja de Deus, esta é Sua mensagem. Nós *fomos chamados* e ordenados e enviados em nossa missão por Deus. Esta convicção tem de ser parte de nossa vida.

Uma das maneiras em que Laodicéia manifesta sua mornidão é em sua incapacidade de distinguir claramente entre o que é certo e o que não é, entre a verdade e o erro. Nessa condição as coisas se tornam confusas. Nós vemos os homens “como árvores que andam.” A diferença entre o que é importante e o que não o é, entre matérias fundamentais e outras de menor importância, entre o que é de valor e o que é baixo e vil, é de consideração vital em nosso tempo.

Deus, Dá-nos Homens de Convicção!

Precisamos chegar ao ponto em que, seja qual fôr o custo pessoal, não deixemos dúvida quanto à posição que defendemos. “A grande necessidade do mundo é de homens — homens que não se comprem e nem se vendam, . . . homens que permaneçam ao lado do direito ainda que caiam os céus.”

6. *Uma nova certeza.* Isto quer dizer uma nova confiança no Senhor, em Sua igreja e seus ensinamentos e liderança. Precisamos disto desesperadamente, se quisermos convencer o mundo de que temos alguma coisa melhor para êles além daquilo que êles já têm. Isto necessitamos se esperamos levá-los à salvação em Jesus



Quando Cristo habita no lar, o sábado é lembrado.

Cristo. Devemos banir nossas dúvidas, apagando-nos firmemente ao que é certo.

De Cristo foi dito: "Nunca homem algum falou como este Homem." A razão era que Ele falava "como quem tinha autoridade." O ministro exerce o seu ministério segundo o padrão do Mestre. Notai estas palavras: "É tão certo termos a verdade como é certo que Deus vive." — *Testimonies*, Vol. 4, pág. 595.

"As verdades que apresentamos da Bíblia são tão firmes e inabaláveis como o trono de Deus." — *Mensagens Escolhidas*, Vol. 2, pág. 87.

"Eu sei que a questão do santuário permanece em justiça e verdade, tal como a temos

mantido por tantos anos." — *Counsels to Writers and Editors*, pág. 54.

"Temos uma verdade que não admite con-temporização alguma. Não devemos repudiar tudo que não esteja em harmonia com esta verdade?" — *Mensagens Escolhidas*, Vol. 1, pág. 205.

"Uma cadeia de verdades que se estendia daquele tempo até ao tempo em que entraremos na cidade de Deus, e transmiti aos outros as instruções que o Senhor me dera." — *Idem*, pág. 207.

Esta certeza tem de tornar-se em nós idéia fixa. Podemos ter desta verdade revelações novas, novos conceitos, nova e mais radiante luz sôbre ela incendir, mas jamais poderá ser mudada ou negada.

Um grande mal nos faz frente em nosso ministério evangelístico hoje. Não é, como alguns enfaticamente afirmam, nossa falha ou incapacidade na interpretação correta das Escrituras ou das profecias, mas o perigo de nos tornarmos tão inseguros sôbre nossa mensagem que deixemos de pregá-la evangelisticamente afinal.

7. *Nova clareza.* Sôbre êste ponto, o conselho que Deus dá ao ministério desta igreja, é que a tornemos "simples, clara, certa." Não tentemos enfeitar nossa linda mensagem com termos que não podem ser entendidos, nem procuremos obscurecê-la com filosofia humanística ou descolori-la com vulgarismos, ou ainda torná-la desprezível com a linguagem banal de nossos dias ou ditos chistosos fora de lugar. Nem sempre precisamos ser profundos, mas não há qualquer razão para que não sejamos sempre claros.

8. *Nova urgência.* Não podemos permitir que coisa alguma, absolutamente nada, nos desvie ou nos detenha em nossa missão. Nem a mornidão do conforto de nossas igrejas com sua segurança e serenidade, nem o antagonismo e amarga oposição do mal e suas instrumentalidades.

Cada dia nos traz uma nova e mais clara evidência de que o tempo está extremamente curto. Lede as profecias de Daniel e Apocalipse, lede *O Conflito dos Séculos*, e não podereis deixar de ver o exato cumprimento das indicações da vinda do Senhor, até mesmo com pormenores.

Em vista disto um nôvo senso de urgência deve tomar posse de nossa alma. Isto precisa tornar-se vidente pelo som de nossa voz, pelo propósito de nossa vida, pela firmeza de nossa confiança no Senhor, pela ousadia de nosso testemunho, pela total dedicação de nossa vida a nossa total tarefa.

"Então disse eu: Não me lembrarei dêle, e não falarei mais no seu nome; mas isso foi no meu coração como fogo ardente, encerrado nos meus ossos." Jer. 20:9.

9. *Nôvo Pentecostes.* O cumprimento de nossa missão reclama esta solene, embora gloriosa experiência. Precisamos preparar-nos urgentemente para ela e falar sêbre ela. Precisamos reunir-nos em grupos, grandes ou pequenos, e como igrejas, e suplicar por essa experiência, e ela virá, tão certo como Deus vive. Com ela a obra de Deus se incendiará como fâisca em

palheiro; milhares se converterão, operar-se-ão milagres, e a obra terminará e Jesus voltará. Sem essa experiência estaremos condenados a permanecer neste mundo mais tempo do que Deus deseja.

10. *Nova demonstração.* Isto é uma poderosa, convincente, impelente demonstração. Uma vez mais o verbo precisa fazer-se carne; pessoas precisam ver a glória de Deus em pessoas. Eis a espécie de demonstração que realmente necessitamos para cativar a imaginação do povo e de nosso ministério hoje:

"Em visões da noite passaram perante mim representações dum grande movimento reformatório entre o povo de Deus. Muitos estavam louvando a Deus. Os enfermos eram curados, e outros milagres eram operados. Viu-se um espírito de intercessão tal como se manifestou antes do grande dia de Pentecostes. Viram-se centenas e milhares visitando famílias e abrindo perante elas a Palavra de Deus. Os corações eram convencidos pelo poder do Espírito Santo, e manifestava-se um espírito de genuína conversão. Portas se abriam por tôda parte para a proclamação da verdade. O mundo parecia iluminado pela influência celestial." — *Test. Seletos*, Vol. 3, pág. 345.

Êste o quadro que Deus está esperando ver cumprido. Esta tem de ser nossa demonstração. Marchemos como um povo em perfeita ordem unida, cheios de santo zêlo, saindo para revelar a todos os homens em todos os lugares a final e plena manifestação do amor de Deus. Aqui está verdadeira igualdade, temos a verdadeira fraternidade, o verdadeiro culto, a verdadeira aceitação. Tôdas as barreiras estão partidas. Foram demolidos os muros de separação. A oração de nosso Salvador em S. João 17 teve a sua resposta!

Gandí, o grande líder da Índia, debateu por longo tempo se deveria seguir o induísmo ou tornar-se cristão. A trágica resposta de sua deliberação foi: 'Eu teria me tornado cristão, não fôssem os cristãos.'

É isto que está errado com a igreja cristã hoje? É esta a razão por que estamos ainda neste turbado mundo? É isto aplicável a nosso ministério e aos nossos membros da igreja? Estamos empurrando homens e mulheres para longe de Cristo em vez de atraí-los para Cristo? Estamos retardando Sua vinda em vez de apresá-la? Estas são perguntas solenes e pedem resposta honesta. Enquanto estamos neste lugar por uns poucos dias, despendamos tempo em fervente oração e estudo. Busquemos ao Senhor para plena vitória sôbre o pecado e por copioso aguaceiro da chuva serôdia. Procuremos "preparar um povo para o Senhor."

Espiritualização do Lar

M. C. TORKELSEN

Presidente da Associação Central da Califórnia

NINGUÉM precisa observar muito longamente para concluir que o mundo de hoje está absorbebado com problemas de atordoar. Indicam-se comissões, criam-se forças-tarefa, reforçam-se os organismos policiais, tudo na tentativa de controlar uma geração rebelde, desregrada, geração confusa, cheia de paradoxo, em que as pessoas são mais inteligentes do que nunca antes, e contudo sem respostas para muitas interrogações; mais ricas do que em qualquer outro tempo, e conhecendo mais pobreza do que nunca; produzindo mais alimentos do que em qualquer outra geração do passado, e com uma multidão de famintos. Nosso mundo está en-fêrmo, procurando desesperadamente meios legais de curar sua enfermidade com uma legislação mais acurada sôbre hospitalização, mais auxílios federais para educação, milhares de cruzeiros mais para pesquisas em diferentes



A. DEYANEY, INC.

setores ligados à defesa nacional, tudo para no final de toda tentativa chegar-se à conclusão de que os problemas continuam a multiplicar-se.

O problema geral envolve, obviamente, vícios de seqüência. A ordem de coisas proverbialmente definidas como "o carro diante dos bois," constitui a causa fundamental do dilema. Os problemas estonteantes da sociedade de hoje podem ser diretamente atribuíveis ao esfacelamento do lar. "A influência de uma família mal dirigida é dilatada, e desastrosa a toda a sociedade. Acumula uma onda de males que afeta famílias, comunidades e governos." — *O Lar Adventista*, pág. 33. "O bem-estar da sociedade, o êxito da Igreja, a prosperidade da Nação, dependem das influências domésticas." — *Conselhos aos Professores*, pág. 365.

Faz cerca de seis mil anos um sábio Criador trouxe à existência por Sua palavra (Salmo 36:6 e 9) um mundo perfeito natural e estabeleceu a unidade básica da sociedade terrestre: o lar. Aos ocupantes deste mundo foram dadas certas indicações e regras para a felicidade. De igual modo foi-lhes dado o direito de escolher sua própria conduta. Eles bebiam a água pura do Éden, comiam do fruto da árvore da vida, mantinham direta comunhão com o Criador, manifestavam leal e elevada dedicação mútua. Veio porém um dia fatal em que um intruso, o adversário das almas, aproveitou um momento oportuno para arruinar-lhes o lar perfeito, mediante a tentação que levou Eva ao quebramento das regras. Estando sôzinha e sem a fortalecedora presença do seu companheiro, ela sucumbiu, e assim começou o triste relato da progressiva degeneração da humanidade. O mesmo inimigo continua seu frenético ataque em muitos aspectos nos mesmos moldes de então, lacerando os lares, criando paredes figurativas entre marido e esposa, entre pais e filhos. Quando os casais são descuidosos e deixam de beber da cisterna de águas vivas, e de comer o pão da vida, mantendo assim viva comunhão com o Criador, os resultados são igualmente trágicos. São decorridos mais de quatro milênios desde que o Senhor viu que a imaginação do coração humano era má (Gên. 6:6 e 7), e Se arrependeu de havê-lo criado. A humanidade simplesmente comia e bebia, casava e dava-se em casamento (S. Mat. 24:38). O lar e a norma moral de Deus havia ruído. A Noé, homem justo, que andava com Deus, foi dito que construísse uma arca para salvar a humanidade do devastador dilúvio que haveria de destruir tudo.

Retornamos ao registo sagrado da História e de novo vemos que está faltando a santidade do lar através dos séculos. Desta vez foram as cidades de Sodoma e Gomorra. A sociedade tornara-se penosamente ímpia (Gên. 18:20), e a despeito da intercessão de Abraão

o patriarca, Deus destruiu essas cidades com fogo e enxôfré (cap. 19:24).

Estamos de novo à beira de, uma catástrofe que chega ao clímax, quando observamos dados estatísticos de nossa sociedade, com divórcios que chegam a ser iguais ao número aos casamentos. Quantidades incontáveis de crianças que são postos dentro de lares que são menos do que naturais, e certamente menos ainda do que como foi planejado por Deus. Chegamos a sentir um frio na espinha quando vemos a realidade no terreno moral, com o crime nas ruas, agitação nas universidades e rebelião em todas as nações. É alto tempo de colocarmos o carro para trás dos bois e olhá-los com seriedade o problema de nossos lares.

Se pudéssemos honestamente isolar da sociedade o problema do lar, e declarar que os adventistas do sétimo dia em geral imunes aos dardos inflamados do maligno no que tange aos seus lares, poderíamos dormir melhor à noite. O fato é que os problemas do mundo e das nações individualmente se nivelam desgraçadamente com os problemas das igrejas. A força ou fraqueza da igreja adventista do sétimo dia jazem inequivocamente na base da unidade familiar que constitui nosso corpo de membros. "No lar é posto o fundamento da prosperidade da igreja. As influências que regem a vida no lar são levadas para a vida da igreja." — *O Lar Adventista*, pág. 318. "Uma família bem ordenada, bem disciplinada, fala mais em favor do cristianismo do que todos os sermões que se possam pregar." — *Idem*, pág. 32.

Ninguém pode deixar de considerar cuidadosamente o fato de que cerca de quarenta páginas do *Índice* do Espírito de Profecia são necessárias para catalogar as afirmações sobre o Espírito Santo e o lar. Não podemos senão concluir que o grande Deus do universo de propósito deu ênfase a este assunto.

Examinemos juntos o conselho inspirado. Deus falou por intermédio de Davi no Salmo 127:1, dizendo: "Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a constroem." E no verso 3 do mesmo salmo lemos: "Os filhos são a herança do Senhor." A responsabilidade paterna poderia ser completamente assustadora, não fossem as promessas de Deus e Seus conselhos.

A espiritualização do lar deve começar com a espiritualização do marido e da esposa. Esta condição não vem por acaso. Requer diligente esforço da parte de cada um dos cônjuges. "O amor é paciente, é benigno, o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se resente do mal; não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta." I Cor. 13:4-7. Esta é a definição de amor segundo Deus, e

sugere uma fórmula que manterá os laços matrimoniais firmes. O sucesso só pode ser assegurado se certos padrões são formados logo ao ser o lar estabelecido. "O amor não pode existir por muito tempo sem se exprimir. Não permitais que o coração do que se acha ligado convosco pereça à mingueta de bondade e simpatia." — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 360. Jesus está incluído nesta venturosa união como uma terceira pessoa, e a comunhão diária com Ele estabeleceu um padrão de culto. Pode haver necessidade de um ajustamento de programa, mas é essencial que a família mantenha contato diário com o Mestre.

Em seu livro *A Second Touch*, pág. 42, Keith Miller fala-nos do problema que tiveram em sua família ao procurarem estruturar o culto. Chamavam a isto "o momento da família," e decidiram estabelecer um rígido programa diário para logo após a refeição da tarde. O telefone tocava constantemente, havia ruídos de pratos que estavam sendo cuidados e a mesa a ser arrumada, os trabalhos da família nesse período foram atrasados e todos foram para a cama em terrível estado de tensão. Súbitamente compreenderam que não era Jesus que necessitava de um culto na casa deles, mas eles é que o necessitavam. Então compreenderam que seria muito melhor ter um programa mais flexível, em que o culto pudesse ser feito num momento em que houvesse a possibilidade de se reunirem num retiro espiritual.

Muitas vezes em nossa ansiedade por fazer as coisas demasiado exatas segundo nosso entender, acabamos por destruir o bem positivo que se tinha em vista. O importante é que deixemos o elemento do amor misturar-se conosco em oração em família.

Provavelmente o tempo mais crítico na experiência do lar é quando chegam os filhos e nos tornamos pais. A emoção da paternidade é coisa sem igual, mas quando o objeto desse gozo incomparável torna conhecidas suas necessidades físicas sem levar em conta nem a hora e nem a conveniência dos pais, é fácil surgir tensão entre o casal e entre este e os filhos. Manter o espírito de Cristo no transcurso deste período de ajustamento não é pequena tarefa. Muitos problemas do lar podem facilmente ser atribuídos a este período da experiência matrimonial. É preciso agora dividir a atenção e uma nova dimensão surge na vida. Deus em Sua providência previu as oportunidades de desenvolvimento de caráter que a condição de família provê. Desde o momento em que a criança entra no lar, os pais devem estar alerta e vigiar suas palavras e influência. Só podemos ser bem-sucedidos se buscarmos de Deus orientação e força. "O que são os pais, serão os filhos em grande medida." — *Ciência do Bom Viver*, pág. 371. Se nossos lares são verdadeiramente espiritualizados, sentirá necessidade

de Jesus. Isto ocorrerá com cada membro da família. "Quando Cristo está no coração, é introduzido na família. Pai e mãe sentem a importância de viver em harmonia com o Espírito Santo, de maneira que os anjos celestes, que ministram aos que hão de herdar a salvação, ministrarão para eles como mestres que são no lar, educando-os e preparando-os para a obra de ensinar os filhos." — *O Lar Adventista*, pág. 323.

Nunca se terá dado ênfase em excesso ao fator amor entre os membros da família. Faz algum tempo foi levado a efeito um extenso estudo sobre crianças pequenas e de colo, e apareceu em *Reader's Digest*, fevereiro de 1963, uma reportagem sobre o assunto. Nela o seu autor, Ashley Montagu, afirmou que "sabemos agora, em virtude de observações independentes de um bom número de médicos e investigadores, que o amor é parte essencial na criação de uma criança, e que a menos que ela sinta que é amada, não se desenvolverá saudável nem física, nem psicológica e nem espiritualmente."

O problema com muitos pais hoje é que entendem mal o amor. Eles acham que prover à criança alimento, roupas e abrigo é suficiente. É muito mais fácil dar coisas do que nos dar a nós mesmos. John M. Drescher, escrevendo em *These Times*, março de 1970, diz: "Agora é o tempo do amor. Não de pena para com a criança que não tem uma bicicleta ou cujos pais não podem comprar uma enciclopédia. Tende pena, isto sim, da criança cujos pais não têm tempo para amá-la, para instruí-la, para com ela brincar, para expressar-lhe amor de inúmeras maneiras."

"Pais... combinai o afeto com a autoridade, a bondade e simpatia com a firme restrição. Dedicai a vossos filhos algumas de vossas horas de lazer; relacionai-vos com eles; associai-vos com eles em seus trabalhos e brinquedos e captai-lhes a confiança." — *O Lar Adventista*, pág. 222.

Em adição a um generoso suprimento de amor, nossas crianças anseiam por segurança e direção no exemplo do adulto. A juventude de hoje está clamando contra a hipocrisia e falta de atuação por parte dos pais e de todos os adultos. É tempo de mostrarmos Jesus a nossos filhos. O Sr. Miller, em seu livro *A Second Touch*, pág. 48, diz: "Cheguei à conclusão de que se um marido e uma esposa estão honestamente procurando descobrir a vontade de Deus, as crianças de alguma forma perceberão o quadro." E na pág. 46: "Aprendi que as crianças já sabem de nossas fraquezas. Nossas faltas se ostentam. E quando recusamos confessá-las, nossas crianças não pensam que somos fortes, mas ou pensam que somos falsos, ou que não reconhecemos nossas fraquezas."

Não há tarefa mais nobre, nem maior bene-

(Continua na pág. 19)

Conhecemos o Espírito Santo

R. ALLAN ANDERSON

Ex-Redator de *Ministry*

NÃO há em religião alguma do mundo nenhuma doutrina que corresponda à doutrina cristã do Espírito Santo. E nada é mais vital para a vida cristã do que estar cômico da presença do Espírito Santo na vida. Uma pessoa pode ser batizada e tornar-se membro da igreja, e contudo nada saber desta experiência. Quando Paulo encontrou em Éfeso um pequeno grupo de cristãos, notou que havia na vida deles uma grande falta, e assim perguntou: "Recebestes o Espírito Santo quando crêstes?" Sabemos qual foi a resposta. Eles não somente nada sabiam desta experiência, mas nem sequer haviam sido instruídos com respeito ao Espírito. No entanto a própria igreja é criação do Espírito Santo. Nós não somos apenas um agrupamento de pessoas unidas em cultura, mas um corpo de homens e mulheres nascidos de novo.

Possuir uma teologia do Espírito Santo e contudo nada saber de Sua presença é coisa perfeitamente possível. Apolo, pastor da igreja de Éfeso, era um estudioso brilhante e um orador notável. Havia logrado notoriedade em Alexandria. Era homem "erudito," "poderoso nas Escrituras." Ele pregava a Jesus "com poder." Possuía tudo que era necessário para fazer um grande líder, exceto uma coisa fundamental: sua vida não conhecia um Pentecostes pessoal. Os poucos que compunham esta congregação não possuíam a paixão do



serviço. Mas que mudança ocorreu quando o apóstolo Paulo pregou-lhes a Jesus na plenitude da mensagem evangélica. Seus olhos foram abertos para uma nova vida. Foram rebatizados e o Espírito de Deus encheu-os com poder.

Reunimo-nos hoje como um grupo de pastores vindos de tôdas as partes da Terra. Viemos com o senso de necessidade pessoal. Representamos milhares e milhares de igrejas e aproximadamente 3 milhões de crentes. Agradecemos a Deus pelo progresso dêste movimento do advento, mas se Paulo tivesse de visitar nossas igrejas, quantos não estariam na mesma trágica condição da igreja de Éfeso! Os doze apóstolos não poderiam ser considerados culpados. Faltava-lhes o poder, porque o seu pastor, o seu pregador, jamais soubera o que era ser batizado com o Espírito Santo. Ele era um agudo exegeta, um fluente orador, mas não havia Pentecostes em sua vida.

Escrevendo aos crentes de Roma, Paulo disse: "Desejo ver-vos, para vos comunicar algum

dom espiritual." Rom. 1:11. Ele estava consciente de que possuía alguma coisa que devia repartir com êles. É óbvio que ninguém pode jamais repartir o que não possui. Ora, vamos perguntar a nós mesmos, com tôda sinceridade, se quando vamos à igreja temos alguma coisa que repartir. Oh, sim, temos lindas histórias para contar, e ouvimos alguns maravilhosos relatórios durante a reunião. Mas temos algum dom espiritual para distribuir?

No passado Deus chamou determinadas pessoas e designou-as "para sinais e maravilhas." Mas desde o Pentecostes todos estão aptos para sinais e maravilhas, pois o Espírito Santo foi derramado sobre *tôda* carne. É fácil prestar serviços de lábios, pois conhecemos o vocabulário dos apóstolos, mas conhecemos o poder dos apóstolos? Êstes homens foram chamados, preparados e ordenados. Jesus disse que êles não eram "do mundo," e haviam sido "mantidos" no mundo. Assim, sua posição era clara no que dissesse respeito à salvação. Mas êles



não estavam equipados para o trabalho. Como homens regenerados já haviam recebido o dom da vida espiritual. Mas precisavam agora receber o dom do poder espiritual. Há hoje em dia homens maravilhosos que como cristãos amam e servem ao seu Senhor, e contudo jamais experimentaram um Pentecostes pessoal. Pode ser que alguns de nós aqui, quem sabe a maioria de nós, estejamos em necessidade desta bênção. E em virtude de nossa falta, sentimentos incapazes de repartir com nossas congregações os dons espirituais a que têm direito.

Ora, que é que torna tão importante o batismo do Espírito ou um Pentecostes pessoal? Que fará por nós esta experiência? (1) Ela nos dá poder na oração. A oração é uma tarefa cansativa, impossível, sem o Espírito Santo. "Porque não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós... segundo a vontade de Deus." (Rom. 8:26 e 27.) Antes do Pentecostes, oramos no Espírito; depois do Pentecostes o Espírito ora por *nosso intermédio*.

(2) O Pentecostes traz liberdade. "Onde há o Espírito do Senhor, aí há liberdade." Bênção nenhuma maior pode vir ao cristão, especialmente ao pregador, do que sentir-se liberto das lutas íntimas retratadas em Romanos 7. Como obreiros precisamos viver na experiência de Romanos 8. E temos de estar capacitados a conduzir nossas igrejas a esta experiência.

(3) O Pentecostes provê abundante vitalidade. O Espírito de Deus cria cristãos radiantes, pessoas cujo íntimo é uma "fonte de água que salta para a vida eterna." Crentes debilitados tornam-se santos exuberantes. Estas bem-conhecidas palavras adquirem novo significado:

"Todos quantos consagram a Deus alma, corpo e espírito, estarão constantemente recebendo nova dotação de poder físico e mental. As inexauríveis provisões do Céu acham-se à sua disposição. Cristo lhes dá o alento de Seu próprio espírito, a vida de Sua própria vida. O Espírito Santo desenvolve Suas mais elevadas energias para operarem no coração e na mente. A graça divina amplia-lhes e multiplica-lhes as faculdades, e toda perfeição da divina natureza lhes acode em auxílio na obra de salvar almas. Mediante a cooperação com Cristo, são completos nEle e, em sua fraqueza humana, habilitados a realizar os feitos da Onipotência." — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 616.

"Mas os dons do Espírito são prometidos a todo crente segundo sua necessidade para a obra do Senhor. A promessa é, hoje, exatamente tão categórica e digna de confiança, como nos dias dos apóstolos. 'Estes sinais seguirão aos que creram.' Este é o privilégio dos filhos de Deus, e a fé deve lançar mão de tudo

quanto é possível possuir como apoio. Porão as mãos sobre os enfermos, e os curarão.' Este mundo é um vasto hospital, mas Cristo veio curar os enfermos, proclamar liberdade aos cativos de Satanás... O evangelho possui ainda o mesmo poder, e porque não deveríamos testemunhar hoje idênticos resultados?" — *Idem*, pág. 612.

O Pentecostes provê poder. Disse Jesus: "Eu vos tenho dado autoridade... sobre toda a força do inimigo." S. Lucas 10:19 (R. S. V.) O homem necessita de poder, e isto é o que foi prometido nas palavras derradeiras do Senhor, logo antes de Sua ascensão. O dom do Espírito de Deus é um dom de poder — poder para vida santa e para testemunho eficaz. "Deus não nos deu o espírito de temor; mas de poder, e de amor, e de moderação." II Tim. 1:7. Lemos ainda: "O poder pertence a Deus." Sal. 62:11. E quando o espírito de poder toma posse de nós, somos dotados de poder, tanto física, como moral e espiritualmente. O Espírito torna pessoas comuns em personalidades extraordinárias.

A obra de Deus depende de poder espiritual, e nenhuma outra espécie de poder a realizará. Não é a arguição de abstrações, mas o poder do testemunho vivo que moverá o mundo. Quando somos completamente do Espírito de Deus, somos continuamente fortalecidos no homem interior (Efés. 3:16). "Embora o nosso homem exterior se desfaza, contudo o homem interior se renova cada dia." II Cor. 4:16. Perguntemos a nós mesmos: Estou dando ao Espírito Santo o Seu verdadeiro lugar em minha vida?

O batismo do Espírito é uma experiência definida e distinta, algo além do batismo pela água. Por isto é que os discípulos receberam ordem de esperar. O seu trabalho futuro exigia que fossem revestidos do poder do alto. Alguns desses homens haviam sido discípulos de João Batista, que lhes declarara: "Eu na verdade vos batizo com água; mas após Mim virá Aquêle que vos batizará com o Espírito Santo, e com fogo." S. Mat. 3:11. João veio como cumprimento parcial da promessa: "Eis que vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o dia grande e terrível do Senhor." E que espécie de homem foi esse poderoso Elias? Profeta do fogo, sem dúvida. Ele fez retornar ao Senhor toda a nação. E João era do mesmo tipo. Nada sabemos da meninice de João Batista, mas o anjo disse que ele seria "grande aos olhos do Senhor." O povo de Deus nesse tempo estava enfrentando um grande desafio. Deus necessitava de um grande homem. Havia muitos homens ao redor, mas eram demasiado pequenos. O ministério de João foi curto, mas poderoso. Suas mensagens não eram filosóficas, mas proféticas. A Palavra de Deus era em sua mão como uma aguda espada. Ele abria o seu cami-

nho através do formalismo morto e do pensamento confuso da época. E alcançou tôdas as classes — ricos, pobres, governantes de Israel e os soldados romanos. João pregou “no espírito e poder de Elias,” e sua obra foi típica de nossa hoje.

Se se nos perguntassem: “Onde está o Senhor Deus de Elias?” poderíamos responder: “Onde sempre esteve: no trono.” Mas a pergunta perquiridora hoje é: *Onde estão os Elias do Senhor Deus?* Nós possuímos a mensagem de Elias, mas onde o poder de Elias? Quase nada sabemos do ambiente em que Elias foi criado. As Escrituras simplesmente chamam-no Elias o Tisbita, “dos habitantes de Gileade.” Ele não era certamente um graduado de qualquer escola superior da época. Mas não há dúvida de que fôra um graduado da escola de Cristo. Não tinha necessidade de maior credencial. Enfrentou uma nação afundada na imoralidade, na idolatria e pecado. Foi um homem de Deus para uma hora trágica. É maravilhoso quando Deus lança mão de um homem. Mas é ainda mais maravilhoso quando um homem se apega a Deus. Aqui está o seu certificado colegial: “E a palavra do Senhor veio a Elias.”

Quem um homem seja, não é importante. O que um homem *sabe*, significa pouco. Mas o que um homem *é* significa tudo. Neste período laodiceano os crentes são cegos, desprovidos, e contudo pretensiosos; nus, e todavia não o sabem; pobres, embora desfrutando todo conforto material; dizendo nada necessitar, e precisando de tudo. Como ministros no período laodiceano, necessitamos mais do que escolaridade ou mesmo saudável doutrina. Necessitamos unção. A “letra” não basta. A menos que a letra seja inflamada pelo Espírito, não haverá vida na igreja. Foi a sarça ardente que atraiu Moisés. O mundo está cansado de homens melífluos, que “usam rios de palavras mas apenas uma colher de unção.” Que sabem mais de competição do que de consagração; mais conhecem promoção do que oração, mais sabem sobre felicidade do que sobre santidade.

Lemos que João Batista não realizou milagres; isto é, não deu demonstrações exteriores para provar o seu chamado. Sua autoridade estava na Palavra. No entanto, como Elias, êle levantou uma nação morta trazendo-a de nôvo à vida. Duzentos anos atrás houve outro homem enviado de Deus, cujo nome era João: João Wesley. Ele tinha o cérebro de um sábio, o zelo de um evangelista, a língua de um orador. Mas êle não obteve êxito na Geórgia. Retornando à Inglaterra, desalentado e desiludido, foi a uma reunião de oração em Aldergate. Nessa atmosfera êle sentiu o coração “estranhamente aquecido.” Ergueu-se da oração com nova visão e nova paixão. Estava cheio do

Espírito de Deus. Em 13 anos êste homem e seus companheiros sacudiram três reinos. O Senhor lhe deu 50 anos mais de vida, e com o coração como um vulcão êle percorreu o as ilhas britânicas como um incendiário, fazendo a nação voltar do poder de Satanás para Deus. Êle penetrou em áreas que eram possessão do diabo, e alguns historiadores declaram que a civilização ocidental deve mais a Wesley do que a qualquer outro homem. Êle e seus companheiros reformaram a igreja, a sociedade e as prisões. E os direitos civis jamais tiveram maiores campeões do que Wesley e seus companheiros, pregadores todos êles cheios do Espírito. Com efeito, êles eram letrados, mas nenhuma instituição educacional poderia confiná-los. Quando não lhes era permitido pregar nas igrejas ou mesmo na cidade, êles pregavam nos campos, e milhares subiam ao alto do London Wall para ouvir êsses homens. Nenhum espírito laodiceano amortecia o seu ardor. As potências do inferno tremiam quando êsses mensageiros de Deus desembainhavam a espada do espírito — a Palavra de Deus. Êles conheciam a realidade de Romanos 8:37: “Somos mais do que vencedores por Aquêle que nos amou.” Pregavam o Cristo vivo.

Que significa o texto “Somos mais do que vencedores”? perguntou o professor de Bíblia a um jovem aluno. O môço pensou por uns momentos, então respondeu: “É quando o senhor luta com 12 homens e mata 13!” Crua, sem dúvida, a resposta, mas verdadeira. Para Wesley e seus companheiros, a justiça pela fé era uma constante mensagem, e êles viram os inimigos caírem à direita e à esquerda com as setas da verdade atravessadas em seus corações. Como os judeus do passado, centenas clamavam: “Que faremos, varões irmãos?” E a resposta era igualmente real: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado... e recebereis o dom do Espírito Santo.” O poder do Pentecostes foi de nôvo experimentado.

Duas maiores forças naturais são o fogo e o vento, e ambos estavam presentes no Pentecostes. Um automóvel pode ser sempre lindo em aparência, mas não útil até que sua ignição seja ligada. “Linguas como de fogo,” foi o impressionante símbolo nesse grandioso dia. Os fogos consumidores de Deus haviam queimado tôda a escória do orgulho carnal e do temor, e deram aos 120 discípulos um poder sobrenatural que sacudiu a mais dura cidade do mundo e levou três mil pecadores a Cristo num só dia. O pecado em qualquer de suas formas sutis foi banido quando o fogo do Espírito Santo pôs em operação o seu trabalho nos corações.

William Booth, fundador do Exército da Salvação, ensinava o seu povo a cantar:

(Continua na pág. 24)

A IGREJA ESPIRITUALIZADA

C. E. MOSELEY

Secretário de Campo da Associação Geral



A igreja cristã foi impelida para a sua missão de igreja jovem no Pentecostes. A assinalada missão da igreja era pregar o evangelho de Cristo em todo o mundo. E a juvenil igreja, cheia do Espírito, desempenhou magnificamente sua missão.

A chave do sucesso nessa missão foi o poder pentecostal. Depois de dias de exame do coração, em oração e confissão dos pecados, os outrora duvidosos discípulos agora criam plenamente no Senhor ressuscitado. E quando “estavam todos reunidos no mesmo lugar” (Atos 2:1-4), o Espírito Santo tomou posse deles. Assim cheios do Espírito os discípulos foram habilitados com poder, e pregaram a Cristo de tal maneira que a população de Jerusalém ficou divinamente eletrizada, e milhares foram acrescentados ao corpo de crentes. Irmãos, a ple-

nitude do Espírito em nossos dias é a chave para o sucesso em qualquer empreendimento para Deus.

Desde o momento em que foi dada a missão de pregar o evangelho, esta missão da igreja tem permanecido inalterada. E a chave do sucesso desta missão também tem permanecido a mesma até hoje. O Senhor que comissionou a igreja confirma este fato. "Aquele que crê em Mim, como dizem as Escrituras, fontes de água viva correrão de seu seio," disse Jesus, "mas isto falava Ele do Espírito que haviam de receber os que n'Ele cressem, pois o Espírito Santo ainda não havia sido dado." S. João 7:38 e 39. Aqui nosso Senhor está prometendo que esses homens de fé teriam o poder do Espírito fluindo por intermédio deles como correntes de vida, assim como um rio flui através de um canal. Homens de fé, pois, podem tirar poder da fonte da salvação, e este poder do Espírito fluirá através de homens dotados para a vida daqueles com quem entrem em contato.

Feliz sem dúvida é a igreja cujos membros são dotados de vida e do Espírito. Isto significa igreja espiritualizada, e unicamente esta espécie de igreja é a igreja de Cristo. E nenhuma igreja pode esperar receber esta chuva serôdia a menos que a maioria dos seus membros se tenha purificado na alma e no espírito mediante exame do coração e perfeita fé e harmonia em Cristo. (Ver *Primeiros Escritos*, pág. 71, e *Testemunhos para Ministros*, pág. 506-512.)

"O grande derramamento do Espírito de Deus, o qual ilumina a Terra tôda com Sua glória, não há de ter lugar enquanto não tivermos um povo esclarecido, que conheça por experiência o que seja ser cooperador de Deus. Quando tivermos uma consagração completa, de todo o coração, ao serviço de Cristo, Deus reconhecerá esse fato mediante um derramamento, sem medida, de Seu Espírito; mas isso não acontecerá enquanto a maior parte dos membros da igreja não forem cooperadores de Deus." — *Serviço Cristão*, pág. 253.

É entre o primeiro e o segundo Pentecostes, a chuva temporã e a serôdia, se assim quereis vos expressar, que contemplamos a crescente ventura e desventura da igreja. E o padrão para ambos esses conceitos está significativamente revelada no preparo do discipulado que o Senhor tinha iniciado.

Estais lembrados de que quando os setenta voltaram de sua primeira viagem de treino missionário, regozijavam-se de que até pessoas possuídas do demônio respondiam ao poder que lhes fôra dado (S. Lucas 10:17-20). Foi aí que o divino instrutor gentilmente lhes recordou que era o Seu poder que permitira tão afortunadas vitórias, e que eles deviam rego-

zizar-se antes no fato de terem uma obra que lhes era indicada pelo Céu, e, por estar os seus nomes escritos lá. (S. Lucas 10:17-20.)

Estais lembrados também de que quando os doze saíram para sua missão, o Senhor de igual forma lhes deu poder sobre os espíritos imundos, e "saindo eles, pregavam que se arrependesse, e expulsavam muitos demônios, e ungiam muitos enfermos com óleo, e os curavam." S. Marcos 6:7-13.

Notemos cuidadosamente que o sucesso desse trabalho missionário de treinamento, bem como o fruto abundante que se seguiu ao Pentecostes, dependeram ambos do mesmo dom do poder do Espírito. Cristo "deu-lhes poder," e eles "foram cheios do Espírito Santo," e o Espírito dava-lhes a palavra. Isto, irmãos, é a chave para uma igreja espiritualizada, chave para a espiritualização de todos os nossos membros da igreja. Isto somente comunica poder à igreja!

Homens que têm a felicidade de co-participar com Deus desse grande poder, desgraçadamente perdem-no quando o tomam por garantido, como se pode ver do seguinte:

Enquanto o Senhor e três de Seus discípulos gastaram tôda a noite em oração e vigília a fim de terem o poder para enfrentar o amanhã, os restantes nove discípulos passaram a mesma noite em imaginárias insignificâncias que precipitaram a crise que lhes roubou o poder. Lede S. Mat. 17; e S. Mar. 9.

O Senhor tomou a Pedro, a Tiago e a João e os levou ao monte a fim de juntos orarem. Aos nove pediu Ele que permanecessem ao pé do monte. Estes nove sentiram-se diminuídos com este pedido. Como tal solicitação já havia sido feita em outra oportunidade, eles começaram a pensar que poderiam estar sendo vítimas de discriminação.

Desapontados e descontentes, não sentiram necessidade da reunião de oração que Jesus convocara. Ao contrário, passaram a noite em debates frívolos e imaginários. Tanto se demoraram sobre seus próprios ressentimentos que a dúvida se instalou nêles. Criaram o clima em que Satanás vive, e com a fé nos planos já enfraquecida, o poder sobre o inimigo evaporou-se de suas vidas, e o diabo dominou. Os nove não sentiram sua perda até que foram incapazes de expulsar o demônio de um jovem. Imaginai! Homens possuídos do espírito do mal tentando expulsar o espírito do mal. Os demônios zombaram deles!

Quando perguntaram ao Senhor por que não puderam expulsá-lo, o magoado Salvador lhes respondeu: "Por causa de vossa incredulidade... Se tiverdes fé como um grão de mostarda... nada vos será impossível." S. Mat. 17:19-21. Nesta resposta o Senhor diagnosticara a enfermidade dos nove discípulos. E ofereceu-lhes a cura. Fêz mais do que simplesmente

te chamar a atenção para os inimigos do poder espiritual: propôs restaurar o poder perdido.

Desobediência, negligência da oração, ressentimento, dúvida, tôdas estas facêtas da incredulidade nos planos do Salvador, conduziu a situação que privou os nove do poder. A lição da parábola do grão de mostarda oferecia a fórmula divina para a cura da enfermidade.

“Se tiverdes fé como um grão de mostarda,” disse Jesus. Sendo que a semente de mostarda literalmente não tem fé, temos de olhar suas características e aprender a lição que ela ensina. O tamanho da semente não conta no caso, pois a fé não vem do tamanho. Embora ela esteja entre as menores das sementes, há nela latente um princípio de vida. Sob a cálida influência do sol, a umidade da chuva e as correntes elétricas da terra, o Céu ativa as forças de vida que há na semente. A semente germinando lança suas raízes para o fundo da terra em busca de alimento, e sua jovem cabeça se ergue em procura de energia do sol. Vicejante e suculenta, a planta em crescimento é o alimento escolhido por animais, grandes ou pequenos. Eis que de repente sua cabeça é devorada por um rondador faminto! Achais que a jovem planta morre por ter sido decapitada? Oh, não! Duas novas cabeças são lançadas para o alto, tão vigorosamente como a primeira. E supondes que a jovem planta morre porque perde suas duas novas cabeças? Não, ela lança novos rebentos em sua determinação de alcançar a maturidade de vida e assim cumprir seu destino!

Quando com tenacidade nos apegamos às promessas e direção de Deus, como a semente de mostarda se apegando à vida, nossa fé moverá montanhas de dificuldades.

“Esta casta,” disse Jesus, “não sai senão por jejum e oração.” Não oração no exato momento de crise e desventura, pois tais orações são geralmente nascidas do temor, e em geral pouco aproveitam. É a vida de oração constante, sistemática, que eleva a alma para Deus, que gera a fé viva e poderosa. A fé dotada do poder do Espírito é o único remédio que cura a enfermidade do pecado. Disse Tiago: “A oração da fé salvará o enfermo, e o Senhor o levantará.” S. Tia. 5:15.

Assim como a transformada semente de mostarda se apegando à vida, a fé dotada de poder do Espírito se apegando a Cristo e Suas promessas. Esta fé provê o ambiente em que o Espírito Santo opera. E quando o Espírito Santo opera, enche a vida individual e a igreja com o poder necessário a cada membro.

Pode-se dizer agora que quando a igreja de hoje derrotar os seus inimigos; quando os membros da igreja espiritualizada expulsarem a desobediência, a indiferença, a negligência da oração, os ciúmes, preconceitos e ressentimen-

tos, então a unidade em Cristo será alcançada. O Senhor Jesus soprará de novo sobre os Seus discípulos e eles serão dotados com o Espírito Santo. A chuva serôdia cairá sobre a igreja; pregadores cheios do poder do Espírito incendiarão o mundo; e o segundo Pentecostes levará a Terra ao amadurecimento para a colheita final. Oxalá a igreja agora ore com todo o fervor: “Vem, Santo Espírito, purifica nossa vida e enche a igreja. Vem, Senhor Jesus, e leva a Tua santa igreja para o lar celestial.”

Reavivamento?

(Continuação da pág. 3)

exterior, de lábios e não de coração, sem o necessário complemento do abandono do pecado. O simples fato de orar, embora isto implique sacrifício não traz automaticamente o reavivamento.

Segundo: O reavivamento não é só ATIVIDADE, ação. A história registra casos de pregadores, entre eles alguns adventistas, que eram muito ativos na obra, mas que tinham pecados acariciados aos quais se aferravam. O tempo se encarregou de revelar sua verdadeira identidade. Tem havido leigos dinâmicos e ativos que inclusive ocuparam cargos diretivos na igreja, mas que sua ação não era complementada com uma pureza interior ou o abandono do pecado.

Mas, o reavivamento tem ambas características unidas. Não é atividade SÖZINHA, mas é atividade. Não é somente passividade, meditação, embora tenha algo de repouso, de quietude. Não é sinônimo de mosteiro, de ermita, embora tenha algo do que se vê ali.

O reavivamento é oração que conduz à ação. Por isso o reavivamento é reforma também. O homem que sente a necessidade de que uma nova corrente espiritual circule por sua vida pede-a a Deus em oração. Deus lhe revela sua verdadeira condição. Se é sincero, não fica simplesmente lamentando o fato de ser um pecador, pois isso criaria nele um complexo de culpa, mas vai mais além. Fortalecido pela graça divina abandona o pecado e recebe forças para não mais voltar a cair nele. Examina sua vida e tira dali — sentimentalismos ou arrebatamento — pela graça de Deus, todo pecado e começa uma nova vida. Assim se produz o reavivamento.

Vimos algo parecido com relação ao hábito de fumar. Alguns fazem do abandono do vício uma experiência com base sentimental, trágica. Pensam tanto no assunto e lutam tanto que afinal deixam o cigarro mas adquirem uma neurose ou uma depressão emocional. Outros em troca, ao tomar consciência dos malefícios

de seu procedimento, decidem deixá-lo. Dizem "Não fumo mais" e assunto terminado. Agora dedicam seus pensamentos a algo construtivo e já não lhes incomoda mais o hábito. As vezes se denomina santidade ou consagração a um estado de neurose fruto de uma emotividade enfermiza. Não é esse o reavivamento que procuramos obter.

Em nosso caso como ministros de Deus, como alcançaremos o anelado despertar? Orando sincera e profundamente. Mas a seguir, abandonando todo pecado conhecido. É evidente que tudo é obra do Espírito Santo, mas este não anula nossa vontade, mas nos dá poder para sintonizar a mesma onda de Deus. "O obedecer é melhor do que sacrificar, e o atender melhor do que a gordura de carneiros." I Samuel 15: 22.

Na vida de todo pastor talvez existam faltas mais ou menos comuns que deveríamos eliminar sem vacilar. Uma delas é a crítica. Sabemos que é daninha, que prejudica tanto ao que é alvo dela como a seu autor. Pode haver noites inteiras de oração formal na vida de pessoas que têm o hábito da crítica e elas serão pouco ou nada beneficiadas a menos que haja abandono da falta. "O espírito de oração atuará em cada crente e banirá da igreja o espírito de discórdia e luta." — Testemunhos Seletos, Vol. 3, pág. 254. "Foi-me mostrado o povo de Deus esperando que se operasse alguma mudança — que uma força compulsória se apoderasse deles. Mas serão decepcionados, pois se acham em erro. Eles precisam agir, empreender a obra eles próprios, e clamar fervorosamente a Deus em busca do real conhecimento de si mesmos." — Serviço Cristão, pág. 43.

Quando chega a primavera e tudo começa a reviver, há os que se dedicam a escrever lindos versos louvando as virtudes dessa linda estação. O agricultor, em troca começa a arrancar as ervas daninhas que também brotaram e que ameaçam afogar a colheita que quer ter para o verão. Frente à reforma e ao reavivamento anelados, podemos elaborar e pregar belos sermões, mas isso exercerá menos influência do que se nos dedicássemos primeiro a colocar nossa vida de acôrdo ao ideal divino. Pregaremos sobre as glórias que virão, mas diremos em nossos sermões que "a santidade não é arrebatamento" nem "êxtase espiritual sob circunstâncias extraordinárias," mas "é inteira entrega da vontade a Deus." — Serviço Cristão, pág. 235.

Quando isso suceder em toda a igreja, o Espírito Santo cairá como uma chuva benfazeja. Então serão vistos prodígios que nem imaginamos e Jesus virá. Somos nós os ministros da igreja quem devemos iniciar e sermos os líderes nesta obra.

Rubén Pereyra.

fício que possamos conferir à sociedade, do que dar a nossos filhos uma educação adequada, impressionando-os por preceito e com o exemplo, mostrando-lhes o importante princípio de que a pureza de vida e a sinceridade de propósitos melhor os qualificarão para desempenhar sua parte no mundo." — *Fundamentals of Christian Education*, pág. 155.

Se queremos que nossos filhos orem, devemos ensinar-lhes orando com eles, na presença deles e por eles.

Pais, vosso conceito de honestidade muito ficará por determinar o conceito de honestidade de vossos filhos.

Mães, vossa maneira de vestir influirá sobre modo na maneira de vestir de vossas filhas.

Se desejais que vossos filhos sejam espirituais, sêde vós mesmos espirituais como pais e mães. A atitude de nossos filhos para com a igreja adventista do sétimo dia, a devolução do dízimo, a educação cristã etc., refletirão com impressionante força os sentimentos, as expressões e o exemplo de nós outros os pais.

O princípio teórico sugerido pelos jovens viciados em drogas que dizem a seus pais: "Não me censure em matéria de drogas, até que você mesmo tenha deixado de beber," traz consigo uma carga de motivos para reflexão, ao relacionarmos esta atitude com os problemas de nossos lares e da igreja.

Permiti que eu compartilhe convosco uma convicção pessoal que se relaciona com o nosso assunto. Eu creio que a juventude, pelo menos a maioria, estaria em condições de assumir maiores responsabilidades do que as que lhes temos confiado. E mais, creio que a menos que incorporem a sua experiência rumo à varonilidade, oportunidades de serviço e uma maneira real de enfrentar a vida, eles chegarão à idade adulta despreparados para assumir responsabilidades. Esta é uma das maiores diferenças entre nossa sociedade urbanizada de hoje e a maneira como nós outros fomos criados nos anos passados. É encorajador notar que grande número de jovens adventistas do sétimo dia estão se incorporando livremente para atividades de serviço na pátria e no exterior. Certamente o Senhor está neste negócio. Procuremos, pois, usar plenamente estas energias jovens.

Em conclusão, se vosso lar é um lar feliz, espiritual, que o Senhor continue a derramar sobre ele Suas bênçãos até Sua breve volta. Se sentis que em vossa área de trabalho há necessidade ou probabilidade de mudanças no sentido de melhorar, fazei essas mudanças. O Senhor vos fortalecerá e guiará. É Seu desejo que cada lar seja um lar espiritual. Se sentis

(Continua na pág. 24)

Respondendo a Objeções

Está o sábado abolido, por haver Paulo dito que é correto considerar todos os dias iguais na Era cristã? (Ver Rom. 14:5.)

PRIMEIRAMENTE, seja-nos permitido reproduzir o contexto do passo citado: “Ora, quanto ao que está enfêrmo na fé, recebei-o, não em contendas sobre dúvidas. Porque um crê que de tudo se pode comer, e outro que é fraco come legumes. O que come não despreze o que não come; e o que não come não julgue o que come, porque Deus o recebeu por Seu. Quem és tu que julgas o servo alheio? Para seu próprio Senhor êle está em pé ou cai; mas estará firme; porque poderoso é Deus para o firmar. Um faz diferença entre dia e dia, mas outro julga iguais todos os dias. Cada um esteja inteiramente seguro no seu próprio ânimo. Aquêle que faz caso do dia, para o Senhor o faz. O que come, para o Senhor come, porque dá graças a Deus; e o que não come, para o Senhor não come e dá graças a Deus.” Rom. 14:1-6.

Mais adiante, no mesmo capítulo, Paulo se refere a questões de bebidas e comidas. (Ver os vs. 17 e 21.)

O que há aqui é uma discussão de carnes e bebidas, e vários dias santos, e o conselho de Paulo é que ninguém deve *julgar* a outrem por causa de tais assuntos. Há sensível semelhança entre êste conselho e o dado aos colossenses: “Portanto, ninguém vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa dos dias de festas, e da Lua nova ou dos sábados.” Col. 2:16. Verificamos, porém, que Paulo aí fala da lei cerimonial, no tocante a comidas e bebidas e vários dias santos, e não da lei moral e seu dia de sábado.

Examinemos mais detidamente o passo de Romanos; “Ao que está enfêrmo na fé.” Que fé? A fé do evangelho de Cristo, que ensina que recebemos o perdão de todos os nossos pecados e faltas pela fé em nosso Senhor, sem as obras da lei. Alguns crentes vindo do judaísmo, e que se haviam submergido no ritualismo da lei cerimonial, pareciam não ter fé bastante forte para aceitar a verdade de que somos salvos in-

teiramente pela graça de Deus, sem qualquer ação boa de nossa parte. Outros que tinham a fé mais forte, e haviam sido gentios, e portanto desafeiçoados da lei cerimonial, foram tentados a formar juízo de crítica de todos cuja fé era fraca e continuavam a praticar certas cerimônias, como comidas e bebidas e dias santos. Paulo advertiu-os contra essa atitude crítica.

O ponto crucial do passo é, sem dúvida, a afirmação: “Um faz diferença entre dia e dia, mas outro considera iguais todos os dias. Cada um esteja inteiramente seguro no seu próprio ânimo.” E a chave da frase é: “Todos os dias iguais.” O raciocínio de quem faz a objeção pode ser sumariado assim: “Cada dia,” não significa todos os dias da semana? E se um crente considera todos os dias iguais, não significa isso que não atribui santidade especial a algum dia? E não deixou Paulo sem repreensão os que consideram *todos os dias iguais*?

O leitor sem dúvida tem notado que algumas palavras na Bíblia estão em tipos itálicos. A palavra “iguais,” é uma delas. Ora, o tipo itálico é para indicar que essa não é uma palavra traduzida, da pena do próprio escritor, mas suprida pelo tradutor no seu esforço de melhor expressar o que imagina ser o pensamento do texto original. Isto é feito em tôdas as traduções e é inevitável. O tradutor escrupulosamente consciencioso fez a indicação, ao suprir a palavra para tornar claro o que êle considerava ser o pensamento do texto. Não há maneira de podermos saber se Paulo — se vivo fôsse e nos pudesse falar em português — usaria a palavra “iguais” para expor a sentença. Entretanto, o único fato de que nenhuma tese o pode ser suscitada, a rigor, sobre a simples palavra “iguais,” reduz por isto mesmo em grande parte a plausibilidade do objeto.

Mas suponhamos que êle em particular ainda se interrogue: “Todos os dias” não significa os sete dias da semana? E pode acrescentar como boa medida: “Não pretende a Escritura dizer justamente o que diz?” O que êle esquece, é que, conquanto os escritores bíblicos fôssem inspirados, usaram linguagem humana para expor as instruções celestiais. E a linguagem humana é um meio inexacto e constantemente mutável de expressar os pensamentos. Precisamos lembrar também que tôdas as línguas têm idiotismos, essas combinações de palavras que dificultam a tradução. Por exemplo, podemos dizer em linguagem restrita que certos fatos “se centralizam em tôrno dêste ponto.” Mas como pode uma coisa “centralizar” e estar “em tôrno”? Entendemos perfeitamente que isto é maneira de dizer, mas temos que admitir que estritamente falando, não podemos ter o sentido da frase se tomarmos cada palavra separadamente.

Cristo disse a Seus discípulos que Êle seria morto e após três dias ressuscitaria. S. Mar. 8:

31. O objetor do sábado poderia perguntar: "Depois de três dias", não significa exatamente isto? Noutras palavras, isto não significa alcançar o quarto dia, ou talvez mais?" Mas notai! A Bíblia nos informa, também, que Cristo disse aos discípulos que Ele devia "ser morto, e ao terceiro dia ressuscitar." S. Mat. 16:21. Por que não pergunta agora o objetor: "Terceiro dia, não significa justamente isso?" Somente quando ficamos sabendo que a frase "depois de três dias," é uma antigo idiotismo judaico que significava para eles o equivalente de "terceiro dia," é que podemos harmonizar os dois passos.

Podemos recorrer ao nosso idioma, no caso de "centralizar em torno," para a compreensão de uma frase bíblica. Se compararmos cuidadosamente escritura com escritura, tanto no que tange à construção de uma frase, como no tocante a ensinamentos doutrinários, não teremos mais dificuldades sobre a forma literária da Bíblia em qualquer outro passo.

Para o objetor do sábado que insiste em que "todos os dias" de Romanos deve significar os sete dias da semana, propomos a seguinte questão: A frase "cada dia," de Êxodo significa todos os dias da semana? Em Êxodo 16, há o relato da dádiva do maná. O Senhor, através de Moisés instruiu o povo a sair e apanhar certa porção para "cada dia." Verso 4. Mas ao chegar o sexto dia, foram ordenados a colher em dobro, porque não encontrariam no dia seguinte que seria sábado. (Vs. 22-26.) Mas alguns esqueceram, ou fingiram esquecer, e saíram para apanhar no sétimo dia. Por isto Deus os repreendeu: "Até quando recusareis guardar os Meus mandamentos e as Minhas leis?" Vs. 27 e 28. Não há nenhum relato de que os israelitas retrucassem: "Cada dia" significa cada dia da semana, portanto, pensei que o sábado podia ser considerado igual aos outros dias. Evidentemente não usaram o moderno argumento "cada dia" contra o sábado.

Êxo. 16:4 claramente revela que a palavra "cada," deve ser entendida como tendo significado qualificativo de tempos na Bíblia. Precisamos ler o contexto e comparar escritura com escritura, para descobrir se há qualificações possíveis. O mesmo sucede com a palavra "todos." Paulo disse: "Todas as coisas me são lícitas." I Cor. 6:12. Um libertino que isolar essa afirmação do restante das Escrituras, poderá querer provar que sua vida dissoluta e escandalosa lhe é inteiramente "lícita." Mas nós entendemos que a afirmação de Paulo deve ser considerada dentro do contexto de toda a Escritura. E se assim fizermos não teremos a menor dificuldade com o passo. Entendemos que o que ele pretende dizer é que Paulo considerou todas as coisas dentro do escopo da santa lei de Deus, e que todas as práticas da vida decorrentes dessa mesma lei lhe eram lícitas. Foi-lhe necessário

fazer afirmação ampla, para dar maior força ao que iria dizer a seguir: "Mas nem todas me convêm."

Se considerarmos as palavras de Paulo em Romanos, à luz destas simples regras do estudo da Bíblia, veremos seu significado. "Todos os dias" significa cada um dos dias referidos como santos na lei *cerimonial*, que é claramente a lei que aí se discute. Por que precisaria Paulo declarar que não estava incluindo no caso o sétimo dia, quando o sétimo dia não era parte da controvérsia? Em parte alguma em todos os escritos de Paulo, é o sétimo dia assunto de controvérsia!

Concluiremos com dois comentários de Rom. 14:5.

Primeiro, Adão Clark, metodista:

"Talvez a palavra *hemera*, dia, seja aqui tomada no sentido de tempo, festival, pois em tal sentido é usada freqüentemente. A referência aí feita se prende a *instituições* judaicas, e especialmente a seus *festivais*; tais como a *páscoa*, *pentecostes*, *feira dos tabernáculos*, *lua nova*, *jubileu* etc... Os *gentios convertidos* davam *importância a cada dia* — consideravam que todo o tempo é do Senhor, e que cada dia deve ser devotado à glória de Deus, e que todos esses festivais não obrigam o cristão.

"Nós, (os tradutores) adicionamos aqui *iguais*, e fazemos o texto dizer o que, estou certo, jamais foi pretendido, isto é, que não há distinção de dias, nem mesmo do sábado; e que cada cristão tem a liberdade de considerar santo esse dia ou não, conforme esteja persuadido."

O segundo comentário é de Jamiesson, Fausset, e Brown, tão altamente considerados nos círculos fundamentalistas:

"Dêste passo sobre a observância de dias, Alford infelizmente deduz que tal linguagem não podia ter sido usada se a lei do sábado houvesse de alguma forma estado em vigor sob o evangelho. Certamente não, se o sábado fôsse meramente um dos dias de festa judaicos; mas isto não pode ser admitido, tão-somente pelo fato de que o sábado era observado sob a economia mosaica. E considerando que o sábado era mais antigo que o judaísmo; que, mesmo sob o judaísmo, foi incluído na santidade do decálogo, como nenhuma outra parte do judaísmo o foi, em meio aos relâmpagos do Sinai; e que o próprio Legislador disse, quando na Terra estêve: 'O Filho do homem até do sábado é Senhor,' (Ver S. Mar. 2:28.) — será difícil mostrar que o apóstolo o tenha rebaixado de maneira a ser classificado por seus leitores entre as transitórias festas judaicas, que somente os que estavam 'enfêrmos' na fé podiam imaginar estarem ainda em vigor — enfermos que, os que tinham mais luz, deveriam tratar com amor."

FRANCIS D. NICHOL.

Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a PERGUNTAS SÔBRE DOCTRINA

O Juízo Investigativo

Pergunta 36

Segunda Parte (Conclusão)

2. O *Apagamento do Pecado*. — Mas não só os nomes serão apagados do livro da vida. A Bíblia fala também do apagamento do próprio pecado. Davi rogou: “Segundo a multidão das Tuas misericórdias, apaga as minhas transgressões” (Sal. 51:1) e: “Apaga tôdas as minhas iniquidades” (v. 9). E Neemias orou, acêrca dos inimigos de Deus e de Seu povo: “Não lhes encubras a iniquidade, e não se risque diante de Ti o seu pecado.” Neem. 4:5. O apóstolo Pedro aguardava o tempo em que, por motivo do arrependimento dos homens, seus pecados fôsem “cancelados” (Atos 3:19).

Na Escritura nota-se diferença entre o *perdão* e o *apagamento* do pecado. O perdão dos nossos pecados é muito real, e é algo que pode ser sabido e experimentado pela viva fé em nosso Senhor. No ato divino do perdão de nossos pecados são removidos de nós, e somos livres, libertos, salvos. Mas a destruição final do pecado aguarda o dia do ajuste de contas divino, quando o pecado será para sempre extinto do universo de Deus.

A Escritura ilustra claramente a diferença entre o perdão e a extinção do pecado. Tome-se, por exemplo, S. Mat. 18:23-35. Aqui se faz referência a um servo que devia ao seu senhor dez mil talentos. Nada tendo com que pagar, supplica misericórdia, o rei lhe perdoa a dívida, e êle se vai, grandemente aliviado. Encontra, porém, um conservo que lhe deve apenas cem denários. Êste segundo devedor, igualmente, não tem com que pagar, e supplica misericórdia e prazo para liquidar o que deve. Mas, embora o primeiro servo tivesse sido perdoado, êle agora procede de maneira rude e brutal para com seu companheiro, não lhe demonstra misericórdia, e

lança-o na prisão. O rei, ao ouvir isso, fica irado, e lança na prisão o servo a quem perdoara, para ali ficar até que salde tôda a dívida.

Aqui está um caso em que é retirado o perdão que fôra concedido. Jesus então acentua a lição: “Assim também Meu Pai celeste vos fará, se do íntimo não perdoardes cada um a seu irmão.” V. 35. Concordamos, em princípio, com as conclusões dos dois doutos a seguir:

R. Tuck (*The Pulpit Commentary*, sôbre S. Mat. 18:35), diz:

“Os ensinamentos de Cristo neste ponto têm mesmo um lado severo: mesmo Seu perdão pode ser revogado, se Ele observa que, por causa do nosso procedimento depois de recebido o perdão, somos moralmente inaptos para recebê-lo.” — Pág. 242.

E B. C. Coffin acrescenta, no mesmo livro: Sua crueldade cancelou o perdão que lhe havia sido concedido. Seu último estado ficou pior do que o primeiro. Os que, tendo uma vez sido iluminados, descaem da graça, acham-se em terrível perigo. “Teria sido melhor para êles que não tivessem conhecido o caminho da justiça do que, depois de o terem conhecido, volverem costas ao santo mandamento que lhes fôra entregue.” — Pág. 223.

Alberto Plummer (*Commentary on Matthew*, S. Mat. 18:30 e 35) também declara:

O espírito que não perdoa, por certo que provoca a ira de Deus; tanto assim que Seu livre perdão aos pecadores deixa de os favorecer. . . . Esse espírito revive a culpa dos seus pecados, que de outro modo seriam perdoados.

Já nos referimos à descrição do livro de Ezequiel (Ezeq. 18:20-24), do trato de Deus com santos e pecadores que mudam seu procedimento. Aí o apóstata tem cancelado o perdão, justamente como o homem da parábola de Cristo foi obrigado a assumir de nôvo o compromisso de sua dívida enorme. O verdadeiro apagamento do pecado, portanto, não pode efetuar-se no momento de ser perdoado o pecado, pois atos e atitudes posteriores podem afetar a decisão

final. Em vez disso, o pecado permanece no registro até que a vida termine — com efeito, as Escrituras indicam que ele permanece até ao juízo.

A Bíblia apresenta a Cristo como nosso Advogado. “Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o justo.” I S. João 2:1. Mas Cristo não pode defender nosso caso a menos que o confiemos a Ele. Ele não nos representa à revelia de nossa vontade, nem força os homens para dentro do Céu contrariamente a sua própria decisão. E como nos dirigiremos a Ele? Diz a Escritura: “Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça.” I S. João 1:9. Deus pode perdoar porque Cristo pagou a penalidade. Cristo é então o representante do pecador, e alega os méritos de Seu próprio sacrifício expiatório em favor do pecador.

Se todos os pormenores da vida de um homem são registados no Céu, então suas confissões também serão ali registadas, e naturalmente o fato de Cristo lhe haver perdoado os pecados. Bem se pode aplicar aqui o comentário do apóstolo Paulo: “Os pecados de alguns homens são manifestos precedendo o juízo.” I Tim. 5:24. As coisas secretas que nos tenhamos recusado a confessar, serão trazidas à luz depois que se abrir o juízo (Ecl. 12:14; I Cor. 4:5).

Quando o nome de um fiel filho de Deus aparecer ao juízo, o registro revelará que cada um dos pecados foi confessado — e foi perdoado graças ao sangue de Cristo. A promessa diz: “O vencedor será assim vestido de vestiduras brancas, e de modo nenhum apagarei o seu nome do livro da vida; pelo contrário, confessarei o seu nome diante de Meu Pai e diante dos Seus anjos.” Apoc. 3:5. Cristo expõe o princípio: “Todo Aquêle que Me confessar diante dos homens, também Eu o confessarei diante de Meu Pai que está nos Céus; mas aquêle que Me negar diante dos homens, também Eu o negarei diante de Meu Pai que está nos Céus.” S. Mat. 10:32 e 33. A nós, parecemos claro que teremos de continuar nossa fidelidade através da vida toda, se queremos que Cristo nos represente no juízo.

Quando Cristo Se encarrega de um caso no tribunal celestial, não existe a mínima possibilidade de perder Ele a questão, pois conhece todos os fatos, e é capaz de aplicar o remédio. Quando Ele confessa diante de Deus e dos santos anjos que o pecador arrependido se acha revestido das vestes de Seu caráter imaculado, isto é, as vestes brancas que lhe serão fornecidas, ninguém no universo poderá negar a êsse homem salvo a entrada no reino eterno de justiça. Então, naturalmente, é a ocasião de serem para sempre apagados os seus pecados, pois Cristo o reivindica como Lhe pertencendo.

Decididos todos os casos, poderá então provir do trono o decreto: “Continue o injusto fazendo injustiça, continue o imundo ainda sendo imundo; o justo continue na prática da justiça, e o santo continue a santificar-se.” Apoc. 22:11.

A Bíblia serve-se de várias figuras para expressar a completa obliteração dos pecados do povo de Deus. Diz o profeta Miquéias: “Lançará todos os nossos pecados nas profundezas do mar.” Miq. 7:19. Descreve-o Davi: “Quanto dista o Oriente do Ocidente, assim afasta de nós as nossas transgressões.” Sal. 103:12. Por meio do profeta Jeremias prometeu Deus: “Perdoarei as suas iniquidades, e dos seus pecados jamais Me lembrarei.” Jer. 31:34. E por meio de Isaías proclamou Deus: “Eu, Eu mesmo sou O que apago as Tuas transgressões por amor de Mim, e dos teus pecados não Me lembro.” Isa. 43:25. Dir-se-ia que Deus quisesse varrer do universo toda lembrança do pecado, de modo que das experiências tristes e penosas desta vida “não haverá lembrança... jamais haverá memória delas.” Isa. 65:17. O apagamento de todo o trágico registro dos pecados é parte do plano de Deus, tão positivamente como o é o perdão.

A seguinte descrição do juízo investigativo, da pena de Ellen G. White baseia-se, cremos, inteiramente nas reveladas verdades da Palavra de Deus, como as expusemos nas páginas precedentes:

“Ao abrirem-se os livros de registro no juízo, é passada em revista perante Deus a vida de todos os que creram em Jesus. Começando pelos que primeiro viveram na Terra, nosso Advogado apresenta os casos de cada geração sucessiva, finalizando com os vivos. Todo nome é mencionado, cada caso minuciosamente investigado. Aceitam-se nomes, e rejeitam-se nomes. Quando alguém tem pecados que permaneçam nos livros de registro, para os quais não houve arrependimento nem perdão, seu nome será omitido do livro da vida, e o relato de suas boas ações apagado do livro memorial de Deus... Todos os que verdadeiramente se tenham arrependido do pecado e que pela fé hajam reclamado o sangue de Cristo, como seu sacrifício expiatório, tiveram o perdão aposto ao seu nome, nos livros do Céu; tornando-se êles participantes da justiça de Cristo, e verificando-se estar o seu caráter em harmonia com a lei de Deus, seus pecados serão apagados e êles próprios havidos por dignos da vida eterna.” — *O Conflito dos Séculos*, págs. 482 e 483.

3. *O Último Fim do Pecado e dos Pecadores.* — Os adventistas do sétimo dia crêem que, de 1844 para cá, até à segunda vinda de Cristo, é o período do juízo investigativo. A êste período nos referimos como o antitípico Dia da Expição. Mas durante êsse tempo, como é indicado no serviço típico ou simbólico, a obra da salvação prossegue continuamente para toda a humanidade, cumprindo assim o tipo. Entretanto, justamente antes de nosso Senhor vir em toda a Sua glória, termina a misericórdia e o tempo da graça, como se acha indicado em Apoc. 22:11 e 12.

Quando, no serviço típico, o sumo sacerdote concluía sua obra no Dia da Expição, vinha êle à porta do santuário. Então se realizava

o ato final com o segundo bode, Azazel. De maneira semelhante, quando nosso Senhor completar Seu ministério no santuário celestial, também Ele Se apresentará. Quando isto fizer, terá para sempre expirado o dia da salvação. Cada alma terá então tomado sua decisão, a favor ou contra o Filho de Deus. Então será imposta a Satanás, o instigador ao pecado, a responsabilidade de haver iniciado e introduzido a iniquidade no universo. *Mas ele em nenhum sentido expia vicariamente os pecados do povo de Deus.* Todos esses pecados Cristo tomou plenamente sobre Si, expiando-os vicariamente, na cruz do Calvário.

Tendo concluído Seu ministério como sumo sacerdote, nosso Salvador retorna então à Terra, em glória, e é então que Satanás é lançado no abismo, onde ele e seus confederados de rebelião permanecerão por todo o milênio a que faz alusão Apoc. 20:1 e 2. A Terra é então seu cárcere, e ele se verá em meio a uma completa devastação. Depois, no final dos mil anos, os ímpios mortos ressuscitam, e com o diabo e seus anjos, são lançados no lago de fogo. Esta será sua recompensa: a segunda morte, ou morte eterna (Apoc. 20:13-15). (Ver perg. 42.)

Em Mal. 4:1 lê-se: "O dia que vem os abrasará, diz o Senhor dos Exércitos, de sorte que não lhes deixará nem raiz nem ramo."

Contemplando aquele dia, em que terá sido apagado todo e qualquer vestígio de pecado, disse o rei Davi: "Os ímpios, no entanto, perecerão, e os inimigos do Senhor serão como o viço das pastagens: serão aniquilados e se desfarão em fumaça." Sal. 37:20. "Mais um pouco de tempo e já não existirá o ímpio; procurarás o seu lugar, e não o acharás. Mas os mansos herdarão a Terra, e se deleitarão na abundância de paz." Vs. 10 e 11. "Pois a Terra se encherá do conhecimento da glória do Senhor, como as águas cobrem o mar." Hab. 2:14. Dizemos, pois: "Bendito seja sempre o Seu glorioso nome, e da Sua glória se encha toda a Terra. Amém, e Amém." Sal. 72:19. — *Questions on Doctrine*, pág. 423-445.

Espiritualização do Lar

(Continuação da pág. 19)

que a oportunidade passou e que é demasiado tarde para reformas em vosso lar, ainda assim sede corajosos. Nunca desistais. Ide a vosso filho ou a vossa filha, pedi-lhes desculpas, se fôr o caso, e afiançai-lhes que continuais a amá-los e vos interessais por eles. Estamos perto do fim de todas as coisas, e a profecia indica que acontecimentos probantes terão lugar breve no mundo (Mal. 4:6 e 7). A descrição desta profecia encontra-se em *The Story of Redemption*,

pág. 359: "O coração dos pais se convertia aos filhos, e o coração dos filhos aos pais. . . Sinceras confissões eram feitas, e os membros da família trabalhavam pela salvação dos que lhes estavam próximo e lhes eram queridos."

Que o Senhor encha nossos corações e nossos lares com o Espírito Santo, a fim de que Sua igreja triunfe logo.

Conhecemos o Espírito Santo?

(Continuação da pág. 15)

"Para queimar todo traço de pecado, para que a luz da glória entre, a revolução agora começou. Envia o fogo!"

A grande praga de Londres em 1665 levou 60.000 pessoas à morte. Um sétimo da população da cidade foi varrida antes que o cólera tivesse sido completamente dominado. A ciência médica foi impotente para deter a terrível marcha da morte. Então veio o grande incêndio de Londres. Ele queimou grandes lojas, grandes casas, casas pequenas e até galpões e barracos, mas purgou o lugar da praga mortal. Nesta hora escura, quando a praga do pecado está destruindo nossa juventude, necessitamos do fogo do Espírito Santo. Lemos: Deus "é poderoso para fazer tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos." Isto é maravilhoso! Mas por que Ele não o faz agora? Lede o final do verso: "*Segundo o poder que em nós opera.*" Efés. 3:20.

Está este poder operando em ti, meu irmão, minha irmã? A igreja começou com um punhado de homens e mulheres orando num cenáculo. O que recomendava os membros era o serem homens de fogo, não homens de alta posição. Até o brilhante Paulo foi considerado "louco." Mas ele e uns poucos companheiros viraram o mundo de pernas para o ar. Precisamos ter o que eles tinham. Nosso Deus não é apenas Deus do passado. É o Deus do presente — o Deus da profecia. Quando Paulo disse no final de seu ministério: "Combati o bom combate," cada demônio no inferno podia concordar, pois eles sofreram mais com ele do que ele com eles. E qual era o segredo do seu poder? Quando um dia certo homem apareceu pretendendo fazer o que Paulo fazia, o diabo exclamou: "Conheço a Jesus, e sei quem é Paulo." "Estou crucificado com Cristo," ele disse. Mas nenhum homem pode crucificar-se a si mesmo; precisa ser crucificado por outro. Foi o Espírito Santo que crucificou a Paulo, de modo que ele podia dizer: Estou morto, e contudo vivo.